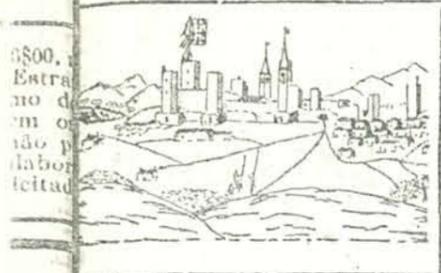


Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA
Director — ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor, João da Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Lerc do Dr. António José de Almeida NISA

A Arte da Xilogravura

A importante revista de actualidades «Mundo Gráfico», revelou-nos a existência dum novo artista de xilogravura.

Trata-se de Manuel Cabanas, natural da provincia do Algarve e que, logo desde criança, começou a mostrar os mais reatados dotes de gravador.

Esta arte, que exige dos meos cuidados e delicadezas, com o desenvolvimento da técnica prática, quasi posta de arte, nos nossos dias, não só as facilidades proporcionadas pelos metais e fotografia, como pela falta de artistas que dedicassem a tarefas tão complexas.

Hoje, o aceleramento da vida, em especial sincronizado com a máquina, consegue num abrir e fechar de olhos imprimir em gravura tudo de mais recente, não falando já nas maravilhas da televisão, que dentro em breve hão-de constatar o meio industrial.

A xilogravura é antiga, muito antiga mesmo, não tendo sido, até agora, possível identificar o seu berço. Conhecem-se, talvez dos mais preciosos exemplares bibliográficos, as gravuras em madeira, em particular, nos frontespícios e capitais.

Entre nós, já no século XVI produziam destes delicadissimos trabalhos, resultado da resistência que nessa época velámos, em quasi todos os sectores de actividade, consuando uma época monumental e, ainda hoje, grandiosa. Os impressores portugueses

de maior nomeada lançaram no mercado dos mais artisticos trabalhos de xilogravura, com apuro nas publicações religiosas.

E havia técnicas pessoais que definiam os artistas, não só nos assuntos, como no modo de gravar. Para tal se escolhiam as madeiras, sendo a de bucho a mais empregada, pelas suas qualidades de rigeza e imutabilidade, condições para uma reprodução relativamente fiel.

Nos últimos cinquenta anos, floresceu em Lisboa mestre Pastor, de nacionalidade espanhola, que tinha as suas oficinas na Rua do Ouro. A ele devemos uma série extensíssima de trabalhos, impressos, em jornais e revistas da época.

Depois de Mestre Pastor tudo caiu no rol das coisas que se não lembram, substituídas as xilogravuras pelos menos esmerados procesos de gravar.

Agora, assinala-se a existência dum notável continuador desta arte delicada, na pessoa de Manuel Cabanas, operário humilde mas que se revela artista de coturno, como o prova a reprodução de um dos padrões do triptico de Nuno Gonçalves, trabalho, sem dúvida excepcionalmente perfeito.

Conforta-nos em particular esta noticia, premissa dum futuro que se advinha, menos material e egoista, em que os dotes do espirito se emancipem dessa vil tutela dos músculos que caracteriza os nossos dias.

ABEL MONTEIRO

Gazetilha

Poetisa bem ladina, lá dos lados de Lisboa — onde há tanta coisa boa — resolveu «resar a sina» a Sumatra, que é traquina nas «artes» de poetar.

E, por isso, vai mandar versos certos, bem medidos, dos que abrasam os sentidos e até fazem resfolgar.

SUMATRA DE LEMOS

Nisa progressiva

ASSISTENCIA INFANTIL

Posto o problema da criação de instituições de assistência infantil nesta vila, como foi posto no nosso artigo publicado no número anterior deste jornal, há que procurar-lhe a solução prática, que se reduz fundamentalmente à angaria-

ção dos fundos necessários para a instalação e normal funcionamento dos respectivos serviços.

Antes de mais nada convém frizar que há nesta vila pessoas de sentimentos cristãos perfeitamente definidos, com a compreensão nitida dos seus deveres sociais e morais, a que não podem, de modo algum, subtrair-se sem grave delicto de consciência e sem diminuição da sua autoridade moral.

Compete-lhes não só encarar e agitar estes problemas, mas procurar-lhes a solução conveniente e dar o seu esforço, o seu concurso intelectual, moral e material, para que essa solução não fique no mundo das miragens vãs, mas tome corpo no dominio das realizações positivas.

Lembremo-nos de que o preceito divino — «crescei e multiplicai-vos, enchei a terra», expresso no capítulo nono do Génesis, implicitamente ordena que se tomem medidas necessárias ao seu cumprimento.

Os que possuímos a felicidade e a graça de crer na divindade de Jesus, temos a dupla obrigação de dar o nosso es-

(Conclui na 2.ª página)

A Língua Pátria

Não é dos menos expressivos e ricos o vocabulário da nossa lingua.

A opulência lexicológica, carregada desde os primórdios da nacionalidade, quando o idioma surdido do humus fértil do latim popular, depurado mais tarde nas fontes límpidas do classicismo, foi sempre aumentando no vigor e variedade dos conceitos e em tal número que, de século para século, é de milhares o acréscimo de novos termos registados pelos dicionaristas.

Neologismos urdidos pelo progresso das ciências, vocabulários arrancados ao rude falar do povo, que é ainda o grande mestre, e outros, impostos pelas múltiplas exigências da vida particular e social, vão constituindo o recheio sempre crescente do nosso tesouro lingüístico.

A evolução semântica tem sido também notável, havendo hoje fórmulas de dição cujo si-

gnificado é bem diferente do de outros tempos.

Contra algumas inovações vocabulares e escusados barbarismos protestam, e com razão, quantos velam pela pureza da lingua. Mas a sua intervenção, por vezes, não logra eficiência, sobretudo quando o facto lexicológico, embora baseado em erro crasso, criou tal amplitude e solidez que afronta-lo é remear contra a maré... E são os próprios estilistas de renome a passarem, em muitos casos, o salvo-conduto ao termo espúrio.

Certo é que, com a persistência no uso de invernáculas expressões, estas ganham muitas vezes sabor e poder semiológico não inferiores às genuínas. E até algumas as superiorizam.

É o que se dá, por exemplo, com o galicismo *constatar*. Quem seja medianamente culto sabe ser aquele termo sinónimo de *verificar*, *mostrar*, *certificar*, etc. Mas nenhum destes verbos, em certas frases, tem a força expressiva daquele. Certamente por isso o empregam escritores de categoria, e ninguém, por tal motivo, vai accusá-los de tratarem a lingua pátria como roupa de franceses.

O mesmo acontece com o adjectivo *intemerato*, cuja confusão com *intimorato* só é admissível em espiritos superficiais.

Quem não seja de todo leigo (Conclui na 2.ª página)

ALAVRAS

que não esquecem

Digno Director do «Correio de Nisa»

Por este meio venho, muito respeitosamente, apresentar-lhe os meus cumprimentos, e mostrar a minha alegria por ver nas mãos um semanário da nossa tão laboriosa terra. É obra de que ela tanto necessita para o desenvolvimento do seu comércio, e para os seus interesses que longe dela se encontrem, sabermos tudo quanto se tem feito, e quanto se ambitiona conseguir em seu benefício. E este é bem importante, ao esquecendo outros tantos realizados, de grande valor, para mim, pessoalmente, e de destaque. E compartilhando no valor do sacrificio de todos que nesse jornal trabalham. A todos saúdo; e faço votos dum bom acolhimento dos artigos. E que vós nunca esqueceréis na obra tão digna que encetásteis.

Velhos tempos... Velhas saúdaes...

Bernardo Lima e o actor Chaby

(CONCLUSÃO)

Meses depois, houve em Coimbra um congresso de medicina. O Gasparinho convidou-me insistentemente para lá ir: «e que não se preocupasse com alojamentos, que a rapaziada lá estava».

Na estação encontrava-se a minha espera o Gasparinho, que por milagre fôra pontual. E com ele meia dúzia de rapazes. Arrancaram comigo, difficilmente numa tipoiá e batemos para a Alta. Apeamo-nos à entrada de uma rua estreita, perto da Praça do Bispo-Conde. Subimos para um primeiro an-

Sem outro assunto, e estando sempre ao vosso dispor, sou com toda a consideração

António Filipe

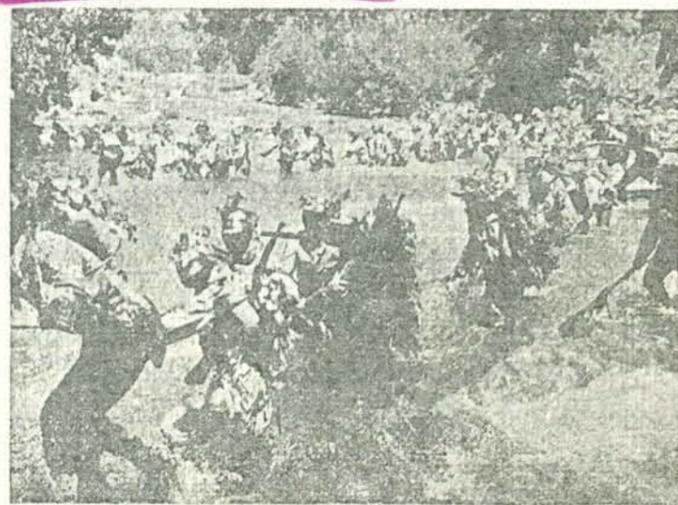
dar. Atravessamos a sala de jantar, onde vi a mesa posta com 12 talheres — e o Gasparinho abriu uma porta dizendo—Aquí tens o teu quarto. Foi o que se pode arranjar. Até logo. E saiu com os outros.

Tudo isto fôra feito precipitadamente extranhando eu a sua pressa e ficando um tanto desconfiado.

Mas enfim, o quarto era bom com a sua janela para a rua, sua cama de ferro, sua mesa pejada de livros e papéis, uma estante ajoujada de livros e uma excelente cadeira de palha.

Daí a bocado tocamos uma campainha para o almoço e eu tinha terminado os meus preparativos.

Abri a porta e fui encontrar (Conclui na 2.ª página)



Envergando uniformes «camuflados», soldados de infantaria, bem adestrados na arte da guerra, convergem em massa para as provincias do sul de Yunnan, a caminho da frente de batalha do Rio Salween onde foram reforçar as tropas que se encontravam neste teatro de guerra. Durante os primeiros anos de guerra com o Japão, os chefes militares chineses organizaram campanhas defensivas de acção retardadora que levaram o inimigo a penetrar profundamente no país afastando-se assim das suas bases de abastecimento. Enquanto o exercito chinês se organizava para uma longa luta, guerrilheiros armados aniquilavam destacamentos inimigos isolados e destruíam combóios de abastecimento, minas, fábricas e outros objectivos.

ANTOLOGIA

PÁLIDA E LOIRA

Por ANTÓNIO FEIJÓ

Morreu. Deitada no caixão estreito,
pálida e loira, muito loira e fria,
o seu lábio tristíssimo sorria,
como num sonho virginal desfeito.

—Lirio que murcha ao despontar do dia,
foi descansar no derradeiro leito,
as mãos de neve erguidas sobre o peito,
pálida e loira, muito loira e fria...

Tinha a côr da rainha das baladas
e das monjas antigas maceradas,
no pequenino esquite em que dormia...

Levou-a a morte na sua garra adunca!
E eu nunca mais pude esquecê-la, nunca!
Pálida e loira, muito loira e fria.

A LINGUA PATRIA Recordar é Viver!

CONCLUSÃO

no assunto sabe muito bem que *intemerato* não significa *não ter medo, ser corajoso*, mas sim *puro, incorruptível, imaculado, íntegro*... Qual será, pois, a razão por que, a cada passo, literatos de apreciável cultura, e entre eles Camilo na *Boémia do Espírito*, empregam tal vocábulo sem se preocuparem com a vernaculidade?

Não façamos ao genial romancista e a outros escritores a injúria de os julgarmos ignorantes do significado genuíno do termo.

Se o empregaram noutro sentido, foi sem dúvida por alguma das causas apontadas por Ribeiro de Vasconcelos na sua Gramática Histórica: «para satisfazer a simples modificações ou estados psicológicos variadíssimos e difficilimos de determinar e explicar».

Em minha opinião, trata-se dum verdadeiro *neologismo de significação*, devendo dar-se com o *intemerato* o que já referi quanto à *constalar*: em certas locuções aquêle vocábulo tem um sentido mais impressivo e expressivo do que *intimorato* ou *corajoso*.

Quando se escreve: «Os missionários são intemeratos pioneiros da civilização; os vicentinos são intemeratos apóstolos da caridade», o termo *intemerato* significa alguma coisa diferente de *não ter medo, ser valente*, porque, em tais afirmações, deve haver o intuito de salientar que a coragem, o ardor dos vicentinos e missionários são dinamizados pela pureza imaculada da fé, pelo afã de íntegro proselitismo.

Podíamos citar ainda muitos outros exemplos de mudança de significação das palavras através do tempo.

Apenas um, para terminar: *Jornal*, etimologicamente, quer dizer fôlha diária. No entanto, hoje, *jornais* são todos os periódicos, mesmo os publicados semanal ou quinzenalmente. É por isso que sem receio de errar, todos chamamos ao *Correio de Nisa* o nosso *jornal*.

E basta.

J. FIGUEIREDO

FESTA ESCOLAR

Por determinação superior realizou-se, em 20 de Outubro de 1907, a festa escolar do concelho.

Presidiu, como no ano anterior, o Sr. Dr. Francisco Dinis Beato Gomes, venerando arcipreste, e foram por este nomeados secretários da mesa os Srs. José da Cruz Sambado e João Joaquim Nabo, professores-ajudantes respectivamente em Nisa e Alpalhão.

Assistiram todos os professores do concelho, à excepção do de Tolosa, onde também houve festa escolar no mesmo dia, e, além do elemento oficial, a sala estava repleta das pessoas mais gradas desta vila e de muito povo.

Começou a festa pelo hino escolar, cantado pelas crianças das várias escolas, seguindo-se logo a alocação do Sr. Presidente, em tudo digna da autoridade e saber de tão respeitável sacerdote.

Houve depois exercícios de ginástica sueca, sob a direcção do professor oficial da escola masculina de Nisa, e recitação de várias poesias.

Este último número do programa foi o de maior realce em toda a festa, devido à naturalidade com que todas as crianças se apresentaram a recitar.

Para estímulo e como louvor, devem-se registar os nomes das meninas Maria da Cruz Tremoço, Joana Correia, Maria

Rev. Padre Francisco Paralta

Tivemos a honra de receber na nossa Redacção, onde nos veio cumprimentar, o reverendo Padre Francisco Paralta que simultaneamente dedicou ao «Correio de Nisa» palavras de apreço e estímulo. Muito desvanecidos ficámos com a visita, registando também uma outra gentileza, cuja denúncia nos está vedada, porque a bondade do exemplar sacerdote assim o impôz.

Para sempre, muito reconhecidos.

José da Graça Valente

O nosso presado assinante Sr. José da Graça Valente, 1º Sargento dos Serviços de Saúde, esteve na Redacção do «Correio de Nisa» a apresentar-nos gentis cumprimentos de despedida, pois retirou desta Vila onde passou as férias, para Ponte de Sôr, e depois para Lisboa.

Desejamos-lhe, como a sua Ex.^{ma} Família, as maiores prosperidades.

Pedido de Casamento

Foi pedida em casamento, para o Sr. José Maria Rodrigues Neves, aluno distinto da Escola de Belas Artes, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria de Lourdes Vieira Carita Polido, gentil Filha do nosso presado assinante e Ex.^{mo} Amigo, Sr. Doutor Emilio Carita Polido.

da Graça Januário e dos meninos Adolfo Tremouille e mais dois alunos das escolas de Alpalhão e Amleira.

Procedeu-se depois à distribuição dos prémios, que consistiam em estampas sobre motivos da história Pátria.

Foi novamente cantado o hino escolar no final desta sessão festiva, que deixou em toda a assistência a mais agradável impressão.

Velhos tempos

(Conclusão)

na casa de jantar alguns rapazes desconhecidos; no mesmo tempo entravam outros estudantes.

Olhavam todos para mim espantadíssimos e ninguém se sentava à mesa. Nessa altura apareceu uma mulherzinha com uma travessa de bifés e perguntou aos rapazes: — Porque esperam?...

Adiantei-me e perguntei-lhe onde era o meu lugar. A criatura olhou-me muito espantada e inquiriu:

—Mas quem é o Sr.?

—Sou o Chaby — O convidado do Gasparinho. Ele não está? Desatou tudo numa gargalhada estrondosa. Um dos rapazes comentou:—Aquillo é que está um malandro. E redobrou a galhofa.

O Gasparinho tinha-me instalado no quarto de um caloiro sem dar cavaco nem pedir licença a ninguém.

Está claro que quiz sair imediatamente e está claro que os rapazes não m'o consentiram.

O Gasparinho no fim de contas sabia fazer as coisas!

Tinha-me levado a uma *républica* de ricos e o caloiro era seu protegido: ficou aliás muito meu amigo.

Era o Dr. João Eloi, hoje um dos nossos juizes mais conhecidos».

NIZORRO

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

NISA PROGRESSIVA

CONCLUSÃO

fôrso e o nosso dinheiro— que, como alguém disse, é sangue— para realizar as grandes obras de assistência social que estão no espírito da lei que professamos, como um imperativo categórico a que não é lícito eximirmo-nos.

É esteril como a areia do deserto a fé sem obras. Essa não é a fé que salva, não é a fé que justifica.

Se dispndemos ingloriamente tanto esforço, tantas energias em cousas frívolas e em atitudes que não dignificam, porque não havemos de afirmar as virtudes da nossa humana essência na realização de obras generosas e boas, obras que sejam a irradiação da centelha divina que está latente em todo o homem como obra-prima do Creador?

Por outro lado, se gastamos o nosso dinheiro tantas vezes em satisfazer vaidades, paixões indignas de nós, caprichos que nos inferiorizam, porque não havemos de distrair dos nossos haveres um pouco do supérfluo (que a nossa insensatez de certos momentos malbarata em futilidades), para a realização duma obra que é ao mesmo tempo profundamente humana, absolutamente cristã e eminentemente social?

E aquêles que não teem a fé do cristão, gerarão por isso dispensados de concorrer para obras de assistência como a que está em causa?

Não estão eles obrigados pelas leis de solidariedade humana, que impera em todas as consciências bem formadas, a contribuir com o seu concurso moral e material para todas as obras de melhoramento e aperfeiçoamento social?

¿Teem eles o direito de quebrar os vínculos que, na sua vida de relação, os ligam aos outros elementos componentes do agregado a que pertencem e em que se integram como pedras do edificio social?

¿Podem eles reclamar para consigo a solidariedade, a piedade e a justiça que não teem para os outros?

Só um monstro poderia responder afirmativamente a estas perguntas.

De resto, é do conhecimento geral que muitas pessoas que não possuem a graça da fé, nem por isso deixam de concorrer generosamente para as obras de beneficência local, e algumas — honra lhes seja — até com uma largueza que em muito excede tudo o que era legítimo esperar.

Eia, pois! Todos os que são mais ou menos bafejados da fortuna, todos os que teem o

«Sematologia»

Com êste titulo, recebemos do nosso Amigo e assinante Dr. Alexandre de Carvalho Costa um estenso estudo semantológico que, devido à exiguidade destas colunas, será publicado em vários números.

alto sentido das cousas da vida, todos os que possuem uma centelha de luz a iluminar-lhe o espirito, teem obrigação de a sua boa-vontade, o seu esforço e o seu concurso pecuniário para a realização e manutenção duma obra de assistência social em Nisa, como é a creche e um lactário para crianças pobres.

Mas não é só pelos contributos individuais que de constituir-se os fundos necessários para esta obra. Outros meios há que podem concorrer poderosamente para tal fim: é do concurso de todos eles que há de resultar a instalação de bom funcionamento da instituição em referência.

Haja espirito de isenção, breza de alma, sublimidade de sentimentos, — e essa obra de assistência será um facto a testar que as classes dirigidas e afortunadas desta terra compreendem as suas responsabilidades morais e sociais, e saltem ao encontro delas para dar plena e cabal satisfação.

Em próximo artigo referiremos-nos a outros importantes meios de angariamento de receitas destinadas à assistência infantil na vila de Nisa.

Verificar-se-á como, com pouco daqui e um pouco de lá, se pode obter uma verba que permita extirpar ou, pelo menos, atenuar fortemente o mal social que todos sentem ao qual, por isso, todos teem obrigação de prover de remedio.

DIAS LOUÇA

Em Arês

Passou no dia 13 o aniversário natalício da menina do Rosário Pestana Teixeira, quem apresentamos os nossos parabens, com votos de muita felicidade.

Com a Ex.^{ma} Esposa e filha encontra-se em Arês o Ex.^{mo} Dr. João de Matos Pestana, dignissimo Delegado do Ministério Público em Sarrem.

Os nossos cumprimentos

Quem Canta...

Lá por ser de gente fina, não me tire a mim do rol. A lua é bem pequenina — e às vezes encobre o sol.

Porque fui dançar na boate em que foi que te ofendi? Andei sempre à roda, a ti — mas sempre à roda de ti.

(AUGUSTO GIL)

Velhos Dizeres

Manhã ruiva, ou vento chuva.

Sofre por saber e trabalha por ter.

Das praias e termas

Nestes últimos dias, tem gressado a Nisa várias famílias que se encontravam a férias nas praias e termas.

Justino
Arcearia.
cessórios
itomóveis
astrois, P.
Royal» A
Lorenz»,

Havane

rogas

Bicicle

na da Rã

Mário

ma

argo

findezas

ente da

TAGI

Liv

&

TEL

LUGA

de LUI

mpre a

horta

rgo de

Agên

Luiz

Especi

caixões,

osamos

tas e to

nerais.

do Dr.

Lato

de LUI

nica ca

grande

rgo de

Ca

nica ca

corde.

Tintas

Perma

Permos

Indisp

Réd-

Fran

Rua de

Joaqui

Er

A D

Consu

Lag

JO

FÁBRICA VITÓRIA, L. DA

Campo de Santa Clara, 78

LISBOA

Licores e xaropes torrefacção e moagem de cafés

Telefone 26473

Telegramas Victorioso

PEDRAS

de um grande templo

29 de julho de 1499— Entra no Tejo a nau de Nicolau Coelho no regresso da gloriosa viagem do Gama efectuada à Índia, descobrindo o caminho marítimo para esse maravilhoso Oriente tão desejado. Forte temporal separara os navios da armada vindo Nicolau Coelho directamente a Lisboa, seguindo Vasco da Gama de Cabo Verde para os Açores e vindo a 29 do mês seguinte para o Tejo. A nova trizida pelo esforçado marinheiro encheu de júbilo El-Rei D. Manuel que a todos dispensou as maiores honras por tão grande cometimento.

30 de julho de 1805—Morre o ilustre Diogo Inácio de Pina Manique, Intendente Geral da Polícia do Reino, que neste alto cargo muito serviu o País. Alma aberta a toda a caridade foi acérrimo defensor da Coroa e grande inimigo das ideias políticas da sua época o que faz com que o demo-liberalismo maçônico o aponte como grande inimigo. Foi um espírito culto, bem formado e um benemérito de grande coração. A fundação da Casa Pia de Lisboa basta para atestar as suas qualidades.

Grande português, dos de rija tempera.

31 de julho de 1938—Os furriéis portugueses Adelino Mendes e António de Luna Araújo, heróicos «Virafões», batem-se galhardamente na frente de Gandeza, Espanha. Ofereceram-se voluntariamente para se baterem na vanguarda da Infan-

taria e o primeiro já na altura mesmo ferido recusa ser retirado das linhas. São exemplos das mais belas qualidades combativas da raça. E outros muitos portugueses deram a medida da nobre raça lusitana na defesa da nossa civilização que no solo da Península, deu combate vitorioso à barbárie do Oriente desde julho de 1936 a princípios de 1939.

Garage Tegelinha

Camionetes de Aluguer, reparações, acessórios. Agente dos adubos «FERTILINA». Máquinas «NAUMANN». Aparelhos de Rádio. — NISA

Mobiladora Nisense de

José Gonçalves

Mobilias, móveis avulsos, malas, camas de ferro, lavatórios vidraça, etc.

Largo Heliodoro Salgado, NISA

Isto marcha, é verdade, mas...

Acaba de surgir o primeiro número do jornal da nossa terra, mensageiro espiritual das nossas necessidades, obra de grandes fortes, sem receio de trabalhos árduos.

E li-o, porque, tanto como a todos, ele me interessava. Acima de tudo desejei-o, quiz que existisse; e agora que ele acaba de me passar integralmente perante os olhos ávidos, puxei a pena e escrevi. Pode ser que não seja coisa de geito...

Mas o título destas linhas? Sim, o título está a indicar-me a rota e há que não sair dela. Ora vamos lá!

A pena llustre e fluente do prof. José Figueiredo, mestre para quem vai sempre a admiração e o reconhecimento do discípulo agradecido, nisense para quem Nisa tem sido, além de tudo o mais, a sua terra, trouxe um artigo rico de oportunidade, com aquêlê estilo elegante que todos lhe conhecemos. E, como sempre, ei-lo a congratular-se com o nítido progresso do nosso torrão, ei-lo a sentir aquilo que a vontade enorme dos nisenses construiu, ei-lo, enfim, a contemplar que muito tem sido fruto do seu esforço (porque não confessá-lo?).

Mas — eu não sou um insatisfeito! — apar com o sentimento do meu mestre, surge-me a ansia de querer mais, de querer pelo menos doutra maneira. É certo que Nisa tem prosperado imenso — há para aí quem duvide? — as realidades abrangem-se todos, «isto marcha», mas...

Sim, mas... Também há para aí quem ponha dúvidas ao que mais se poderá fazer?

Primeiro que tudo é preciso que não nos quedemos mortos, atônitos, os braços no longo do corpo, a contemplar o que está feito. O passado deve ser apenas espelho do que podemos. O passado deve ser apenas sombra do futuro. O passado... o passado deve ser apenas passado e mais nada.

Ainda falta muito, a marcha não pode ficar por aqui tem de ir mais longe ou, se quizermos, a «proceissão ainda deve ir só na praça...» E se são precisos os factos eles aí vão.

Estamos a ir longe no campo artístico. Temos as muralhas reconstruídas, a Praça do Município será aformoseada, mas falta a Biblioteca Municipal e o corêto não tem músicos.

A água é a cachões e esplêndida, certas ruas estão lindíssimas, o edifício da C. T. T. está pronto, a Hidro - Eléctrica engrandece - nos, mas falta - nos um Hospital moderno e a lavagem das ruas da vila.

A corporação dos Bombeiros também não tem uma viatura decente, própria dos nossos dias e capaz de valer nos momentos trágicos.

É por isso que digo: isto marcha, mas... Este mês, este anseio que, senós quisermos poderá traduzir-se no querer palpável, material, como se traduziram do mesmo modo os anseios d'outrora.

BAPTISTA ROSA

Mário Diniz Bicho

MERCERIA IDEAL

Largo de 5 de Outubro NISA
Miudezas e Merceria fina. Agente da Companhia de Seguros «TAGUS», Depositário da Livraria «Lello & Irmão, Ld.».
TELEFONE N.º 34

Gazetilha

Tudo supunha — é verdade — que o tal «film» D. Inês viesse cá desta vez, acalmar tanta ansiedade que a recente novidade do Cinema provocou, mas Nisa ouviu e calou: «a formosa «Inês de Castro», a do colo de alabastro, bateu asas e voou...»

SUMATRA DE LEMOS.

Dr. Francisco da Graça Miguéns

Viveu a sua vida socegada, Entregue ao bem e ao culto da ciência. E quando a morte veio, — a consciência Tinha a pureza e a luz duma alvorada.

Sua alma foi, na terra, a enamorada De tudo o que há de belo na existência, Tudo o que, pela forma ou pela essência, Do Ideal atinge a r'gião imaculada.

E sempre em tórno d'ele, suavemente, Um murmúrio de prece esvoaçou: — Era o câro de bençãos, puro e ardente,

De tantas criancinhas que afagou, De tanto pobrezinho e tanto doente Que o seu coração de oiro consolou.

DIAS LOUÇÃO

Quem Canta...

Tu tens um cravo na boca, em cada face um botão; tens o craveiro no peito, a raiz no coração.

A. Sancho Clemente

Agente da «Sociedade Portuguesa de Seguros» — Seguros e Representações
LARGO DE CAMÕES, 1 — Coll. — 125 PORTALEGRE

António Maria Alberto

CERVEJARIA
Estampilhas postais e valores selados,
Largo de Serpa Pinto N.º 30
NISA

Francisco Ribeirinho

Telefone 14 NISA
JOGOS DE DEBULHA E ENFARDAGEM, com tractor ou a vapor, à maquina ou a dinheiro
FÁBRIGA de MOAGEM de RAMAS venda e troca de farinhas
PADARIAS — Pão de farinhas empoadas e de ramas
LAGAR DE AZEITE — moagem à maquina — compra e troca de azeitonas
AUTOMÓVEIS E CAMIONETAS de aluguer
LAVOURA — Productos agrícolas

Casa Araújo

Praça da República — NISA
Fazendas de algodão, lã e sêda. — Miudezas, chapelaria e challés. — Gran-sortiido de «tabelados». Satisfazem-se encomendas à «cobranças».



OURIVESARIA

Relógios das melhores marcas e dos mais finos modelos

Completo e seleccionado sortido de finos objectos para Brindes

AGENTE DOS RELÓGIOS OMEGA

Largo de Serpa Pinto — NISA